



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO - JOR

Vivien Doherty Ludovice

INFORMAR É COMPLEXO:
Um documentário sobre o jornal Voz das Comunidades

Brasília - DF

2019

Vivien Doherty Ludovice

INFORMAR É COMPLEXO:

Um documentário sobre o jornal Voz das Comunidades

Memorial descritivo do documentário “Informar é Complexo: um documentário sobre o jornal Voz das Comunidades” apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para obtenção do título de bacharela em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Brasília

Orientadora: Professora Érika Bauer de Oliveira

Brasília - DF
2019

Vivien Doherty Ludovice

INFORMAR É COMPLEXO:

Um documentário sobre o jornal Voz das Comunidades

Memorial descritivo do documentário “Informar é Complexo: um documentário sobre o jornal Voz das Comunidades” apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para obtenção do título de bacharela em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Brasília

Professora Érika Bauer de Oliveira Universidade de Brasília

Orientadora

Aprovada em: Brasília, 10 de julho de 2019

BANCA EXAMINADORA:

Professora Doutora Dione Moura Oliveira - Universidade de Brasília

Examinadora

Professor Doutor Sérgio Ribeiro - Universidade de Brasília

Examinador

Professor Doutor Luiz Martins da Silva - Universidade de Brasília

Suplente

Dedico este trabalho às mulheres documentaristas e aos
que lutam por uma comunicação livre e inclusiva.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à educação pública brasileira pela oportunidade de pensar livremente e me encontrar como cidadã e pessoa. A todos os funcionários da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Às professoras e professores por abrirem todas as portas para mim sempre com comprometimento pela liberdade de ensino, em especial, à Érika Bauer orientadora e parceira deste trabalho.

À toda equipe do Jornal Voz das Comunidades - aproveito para reiterar a minha admiração incondicional ao projeto. Em especial, à Roberta Meireles, por viabilizar todo o processo, Renato Moura, por cuidar de mim como parte da sua equipe e, Rene Silva, por abrir as portas do seu projeto para mim e para o mundo. O jornalismo comunitário resiste!

À toda a equipe que me ajudou - voluntariamente - sem vocês esse projeto jamais sairia do papel. Fernanda von Borries, por compartilhar seu talento, amizade interminável e doçura. Ingrid Albuquerque, por dar mais humanidade ao filme com o seu olhar sensível e acreditar em todo o processo desde o princípio. Lucas Ramalho, pelo companheirismo incalculável e por me encorajar a aceitar a arte que mora em mim.

Aos colegas de curso por me mostrarem que o aprendizado é mais rápido e prazeroso quando compartilhado, à Danielle Assis por ser a minha melhor dupla e me mostrar que a luta pela comunicação vale a pena. Às amigas e aos amigos que a vida me presenteou, vocês tornaram cada desafio mais leve. Especialmente, à minha amiga-irmã, Juliana Malafaia, por ser meu porto seguro e também a minha prima, Sophia Ludovice, por todo acolhimento. A minha eterna gratidão à minha psicóloga, Silvia Gomes. por me ajudar a encontrar dentro de mim os propósitos necessários para realizar este produto.

Gostaria de agradecer ao meu tripé e maiores incentivadores que tornaram possível a minha passagem pela Universidade de Brasília: à minha mãe, Deborah Halpern Doherty, a pessoa mais forte que eu conheço, por sua completa doação emocional e física em prol da minha formação. O seu amor incondicional me inspira a seguir meus sonhos. Ao meu pai, Henrique Ludovice, por me ensinar diariamente o significado da palavra persistência. Você não me deixa esquecer que sempre é possível tentar outra vez. Obrigada por compartilhar suas paixões e lutas, hoje, elas são um pouco minhas também. Ao meu irmão e minha pessoa

favorita no mundo, André Victor Doherty Ludovice, por todo carinho e cuidado. Você me ensinou a questionar, argumentar e amar. A sua crença em mim me leva a lugares que eu acreditava.

Aos meus avós, por mostrarem que o estudo é o melhor investimento. À Vera e Sérgio Doherty, por serem meu ponto de paz e terem doado suas vidas para darem lições valiosas sobre compaixão e finitude. À Maria Eliza e Luciano Ludovice, pelo o apoio incondicional e exemplo de força e coragem.

Por fim, agradeço as mulheres de luta do audiovisual brasileiro que abriram as portas para que outras como eu, ainda em formação, pudessemos sonhar e entregar a nossa arte para o mundo. A revolução é feminista.

O diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos humanos. [...] O diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem... Através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade. (FREIRE, P. 1987, p. 122-123)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é um documentário sobre a rotina produtiva do jornal comunitário Voz das Comunidades localizado no Complexo do Alemão na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Revisões teóricas sobre jornalismo comunitário, documentário participativo e oligopólio dos meios de comunicação sustentam a pesquisa. O curta-metragem apresenta a história do projeto durante caminhadas e entrevistas paradas que registram todas as etapas de realização das reportagens do Voz das Comunidades. Porém, em todo o processo, o que sobressai é a consciência por trás do trabalho conjunto com o propósito de desconstrução do imaginário já preconcebido sobre os moradores de comunidades.

Palavras-chave: documentário, Voz das Comunidades, jornalismo comunitário, Complexo do Alemão, favela

ABSTRACT

This course's final paper is a documentary on the productive routine of the "Voz das Comunidades" news outlet located on the "Complexo do Alemão" in the city of Rio de Janeiro, Brazil. Theoretical reviews about community journalism, participatory documentary, and oligopoly of the means of communication support the research. The short film presents the story of the project during walks and stationary interviews which register every step of the production of the reports on "Voz das Comunidades". However, through the whole process, the highlight is the work ethic and collective effort with the purpose of deconstructing the preconceived notions about the residents of these communities.

Keywords: documentary, Voz das Comunidades, community journalism, Complexo do Alemão, slums

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. JUSTIFICATIVA	15
3. PERGUNTA DE PESQUISA E OBJETIVOS	20
3.1 PERGUNTA DE PESQUISA	20
3.2 OBJETIVO GERAL	21
3.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
4. REFERENCIAL TEÓRICO	22
4.1 DOCUMENTÁRIO: A LIBERDADE DE EXPRESSÃO	22
4.2 JORNALISMO COMUNITÁRIO: HISTÓRIAS DE DENTRO PARA FORA	25
4.3 VOZ DAS COMUNIDADES: A FAVELA COMO PROTAGONISTA	27
5. METODOLOGIA	32
5.1 PRÉ-PRODUÇÃO	32
5.2 GRAVAÇÃO	34
5.2.1 Primeiro dia:	34
5.2.2 Segundo dia:	36
5.2.3 Terceiro dia:	38
5.2.4 Quarto dia:	39
5.2.5 Quinto dia:	40
5.2.6 Sexto Dia:	41
5.2.7 Sétimo Dia:	43
5.3 PÓS PRODUÇÃO	43
6. ORÇAMENTO	45
7. ETAPAS E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PLANO DE TRABALHO	47
7.1 ETAPAS	47
7.2 CRONOGRAMA E EXECUÇÃO DO PLANO DE TRABALHO	47
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
10. ANEXOS	52
10.1 CARTAZ	52

1. INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação, enquanto disseminadores do interesse público, não podem pertencer a um grupo seletivo de empresas no Brasil. A Constituição Federal brasileira no seu quinto capítulo referente à comunicação social no artigo 222 parágrafo 5, esclarece: “Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio”. A ideia da existência e alcance de meios de comunicação distintos entre si é uma forma de garantir a pluralidade nas informações propagadas e evitar que poucos grupos dominem as notícias e o viés delas no Brasil. Afinal, é natural da experiência humana na busca do conhecimento a absorção de conteúdo via leitura, via aquilo que se ouve ou se vê.

A necessidade da pluralidade de visões se dá pela força do impacto da mídia na percepção política e social. O autor Francisco Fonseca (2014, p.11), explica, “A mídia é um ator político paraestatal com grande poder de influenciar tanto a percepção social da vida política como a formação de consciências. É claramente partícipe do jogo político, embora estrategicamente seu discurso oculte tal atuação.” Ou seja, a mídia deve assumir a responsabilidade pela influência que possui na sociedade, enquanto detentora do poder de vigilância e tornar público percepções particulares dos seus editoriais.

O sistema midiático do Brasil, porém, é dominado por cinco grandes grupos midiáticos, segundo a pesquisa de Monitoramento da Propriedade da Mídia¹ (Media Ownership Monitor ou MOM), financiada pelo governo da Alemanha e realizada, em 2017, de maneira conjunta pela ONG brasileira Intervezes² e a Repórteres Sem Fronteiras (RSF)³. Os grupos são; o Grupo Globo, Grupo Bandeirantes, Grupo Record, Grupo RBS e o Grupo

¹ O Media Ownership Monitor (MOM) foi criado para servir de ferramenta a mapeamentos que gerem uma base de dados acessível publicamente e atualizada constantemente sobre os proprietários dos meios de comunicação relevantes de um país (mídia impressa, rádio, televisão e online) Disponível em: <<https://brazil.mom-rsf.org/br/>>. Acessado em: 20 de junho de 2019

² O Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social é uma organização que trabalha pela efetivação do direito humano à comunicação no Brasil. Disponível em: < <http://intervezes.org.br/> >. Acessado em: 20 de junho de 2019.

³ Repórteres Sem Fronteiras (RSF) é uma organização sem fins lucrativos e uma organização sem fins lucrativos nos termos da Lei de 1901. Desde 1995, as ações da RSF são baseadas em um financiamento claro, transparente e ético. Todos os anos, as contas são certificadas por um auditor e publicadas no jornal oficial. Disponível em: <<https://rsf.org/pt/apresentacao-0>>. Acessado em: 20 de junho de 2019.

Folha. Isso altera o caráter democrático do acesso à informação, porque o domínio por poucas famílias altera a abrangência de visões dos temas políticos, sociais e econômicos, além do reforço a reprodução de discursos estigmatizados, já que a variabilidade da abordagem está atrelada a linha editorial escolhida por cada grupo de comunicação.

A reivindicação da democratização da comunicação tem diferentes conotações, muitas além das que se costuma acreditar. Compreende evidentemente o fornecimento de meios mais numerosos e variados a maior número de pessoas, mas não se pode reduzir simplesmente alguns aspectos quantitativos a um suplemento de material. Implica acesso do público aos meios de comunicação existentes, mas este acesso é apenas um dos aspectos da democratização. Significa também possibilidades mais amplas – para as nações, forças políticas, comunidades culturais, entidades econômicas e grupos sociais – de intercambiar informações num plano de igualdade, sem domínio dos elementos mais fracos e sem discriminações. Em outras palavras, implica mudanças de perspectiva. (FONSECA, 2004, p.10-11)

Dessa forma, fica clara a necessidade de grupos locais, comumente subtraídos das grandes coberturas, estejam ativos e forneçam informações das suas proximidades. Isso porque a informação que vem de dentro para fora se torna uma informação não apenas representativa, mas capaz de checar fatos vistos com distanciamento pelos grandes meios de comunicação. Assim Peruzzo (2006, p.9), explica: “A comunicação comunitária se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania”. Nesse contexto, pode-se compreender a importância da comunicação comunitária e o surgimento do jornal Voz das Comunidades, objeto de discussão do seguinte trabalho.

O jornal comunitário Voz das Comunidades surgiu em 2005 na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no Morro do Adeus, uma das favelas que compõem o Complexo do Alemão localizado na Zona Norte da cidade. O Complexo é uma das maiores favelas da América Latina possuindo atualmente cento e oitenta mil habitantes. É uma verdadeira cidade que pulsa diversidade, empreendedorismo e cultura. Apesar disso, é também reconhecida como um dos locais mais perigosos do Rio de Janeiro. O morro é dominado pela facção Comando Vermelho, uma das mais violentas e expressivas no país, que constantemente está

em enfrentamento armado contra as forças policiais. Os confrontos historicamente resultam em inúmeras fatalidades e os constantes tiroteios estão sempre em local de destaque nos jornais do estado.

A ONG Fogo Cruzado⁴ atua por meio de um aplicativo que alerta moradores das comunidades da cidade os locais onde estão acontecendo tiroteio em tempo real e fazendo um banco de dados que funciona como um relatório da quantidade de tiros de acordo com as datas selecionadas. Nesses 100 primeiros dias de 2019, o aplicativo já registrou aproximadamente 105 tiroteios no Complexo do Alemão⁵, tal cifra revela a existência quase diária de algum tipo de confronto que coloca a vida dos moradores em risco.

O número assustador encobre e invisibiliza o potencial criativo do jovem favelado. O idealizador do jornal e ativista social, Rene Silva, nascido e criado no Morro do Adeus, criou o Voz das Comunidades para apresentar um contraponto à grande mídia, mostrando o positivo da favela, denunciando abusos policiais e fornecendo segurança aos moradores com cobertura em tempo real de zonas com risco de tiroteio. Aos onze anos de idade, Rene, entrou para o projeto de criação do jornal da escola a Escola Municipal Alcides de Gasperi, que fica em Higienópolis, outro bairro da zona norte, e assim nasceu o jornal comunitário que mais tarde ele daria sequência, juntamente com seu irmão e parceiro, Renato Moura. Desde sua criação, já são catorze anos de cobertura intensa e diversas repaginações. O jornal impresso, que chegou a tiragem de dez mil exemplares, hoje, é seguido por mais de cento e setenta mil pessoas nas redes sociais.⁶

O projeto e o Rene Silva já receberam premiações nacionais e internacionais e possuem parceiros influentes. Todavia, não há até o presente momento um registro documental audiovisual da cobertura e rotina produtiva do Jornal Comunitário e este trabalho preenche esta lacuna.

⁴ O fogo cruzado é um laboratório de dados, uma plataforma digital colaborativa que registra a incidência de violência armada nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e de Recife através de um aplicativos para tecnologia mobile combinado a um banco de dados. Disponível em: <<https://fogocruzado.org.br/sobre/>> Acessado em: 7 de maio de 2019.

⁵ O dado foi acessado nos relatórios disponibilizados pelo aplicativo “Fogo Cruzado” no dia, 17 de maio de 2019.

⁶ Conteúdo retirado da entrevista concedida por Rene Silva para o documentário, “Informar é Complexo”, produto final deste memorial descritivo

O documentário é um gênero cinematográfico em amplo crescimento no Brasil, e que permite ao diretor liberdade criativa e narrativa. Este fator o difere sensivelmente do jornalismo. Segundo Eduardo Coutinho (2013), em entrevista à TV Brasil⁷, o mais importante dentro de um documentário é como o realizador compreende e se coloca diante do tema escolhido. Ou seja, o documentário transpassa o sentido da informação - ele é prioritariamente um ponto de vista diante de uma realidade. A escolha por um documentário é antes de mais nada a oportunidade de de uma inserção mais profunda nas rotinas e inquietações pessoais do cineasta. (GUZMÁN, 2013, p.21)

Assim, o presente trabalho tem como objetivo a apresentação de um documentário como produto final que registra a intensa rotina jornalística que vive o Voz das Comunidades durante sete dias de gravação. Assim como em toda redação de jornal, o natural é que o conteúdo factual seja prioritário, o que por sua vez é imprevisível. A intenção do trabalho é a criação de um conteúdo afetivo, que gere empatia e mostre a resistência, potencial de acesso do jornalismo comunitário.

⁷ COUTINHO, Eduardo. Eduardo Coutinho: Cineasta comenta quadro de concessões das emissoras de TV. entrevista concedida a Alberto Dines. TV Brasil, Brasília, 18/06/2013, 51 minutos . Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/observatorio/episodio/eduardo-coutinho>> Acessado em: 27 de junho de 2019.

2. JUSTIFICATIVA

O direito à informação é essencial para a política e a organização social e necessita extrema vigilância. As informações são fundamentais na tomada de decisões corriqueiras como na do uso da água ou do horário da coleta de lixo até nas mais complexas como objetivos financeiros e o voto. Elas garantem que sejamos cidadãos e que por consequência conheçamos melhor o mundo e o espaço em que vivemos (BIROLI e MIGUEL, 2010, p.11). No entanto, há inúmeras formas de privar e diminuir o potencial desse direito como a concentração dele em poucos meios de comunicação e a inviabilidade da sociedade de ser a própria construtora da sua informação deixando a população a mercê de decisões editoriais comprometidas com ideais mercadológicos. Como explica Delcia Vidal (2016, p.209), no artigo Direito de Informar: participação do cidadão comum:

Em que pese o direito de informar significar a liberdade dos indivíduos veicularem a informação que julgar pertinente, não há na Constituição brasileira dispositivo que garanta ao cidadão comum e aos movimentos sociais os meios para o exercício desse direito. No caso da imprensa, essa na qualidade de emissora de mensagem, dispõe de canais para fazer chegar ao público a informação que julga conveniente transmitir. Cabe, assim, à sociedade apenas o papel de receptora das notícias e opiniões veiculadas.

Tendo como base a argumentação supracitada, penso que é necessária a valorização e elucidação do tamanho da importância das políticas públicas, pesquisas científicas e organizações não governamentais (ONGs) que estejam comprometidas a tornar a informação acessível e plural. Por isso, decidi neste projeto de conclusão do curso de Jornalismo acompanhar a rotina produtiva do jornal comunitário e também ONG Voz das Comunidades. A intenção foi a realização de um documentário que fizesse um panorama da história do projeto e mostrasse os estímulos e as adversidades das reportagens realizadas por este grupo, desde a apuração, marcação da pauta, deslocamento até local de gravação, entrevistas, edição e, por fim, o compartilhamento do conteúdo. Porém, em todo o processo, o mais relevante

demonstra ser a consciência por trás do trabalho conjunto com o propósito de desconstrução dos estigmas já preconcebido dos moradores de comunidades.

A escolha pelo tema foi feita com base em duas áreas que me atraíram ao longo da graduação. Primeiramente, as representações das camadas sociais mais vulneráveis pela visão dos grandes grupos midiáticos, em razão de fatores socioeconômicos e geográficos. Resultado desse contexto é a necessidade da comunicação comunitária como propulsora da informação local e fidedigna a visão da própria comunidade a respeito do seu cotidiano. “Uma forma de comunicação”, como diz Cicilia Peruzzo (2006), “que tem o povo (as iniciativas coletivas ou os movimentos e organizações populares) como protagonista principal e como destinatário”.

Em segundo, a escolha da linguagem se deu pelo potencial do audiovisual, em especial, o documentário, como propagador de ideias visto que a liberdade opinativa e de imersão na realidade do outro são nesse meio mais viáveis. Há no documentário liberdade e autonomia para contar histórias e percepções de fatos que se assemelham ao jornalismo comunitário. Dessa forma, justifico a necessidade de registro por meio da realização de uma obra fílmica documental sobre o cotidiano e criação do Jornal Voz das Comunidades.

“Numa época em que os principais meios de comunicação reciclam as mesmas histórias sobre os mesmos assuntos repetidas vezes, arriscam pouco na inovação formal, continuam comprometidos com patrocinadores poderosos, com suas próprias agendas políticas e exigências restritivas, é o cinema documentário independente que traz um olhar novo sobre os eventos do mundo e conta, com verve e imaginação, histórias que expandem horizontes limitados e despertam novas possibilidades.” (NICHOLS, Bill, 2016, p.25)

O documentário, assim como o jornalismo comunitário, são escolhas políticas que podem entrar na margem da discussão trazendo novos pontos e até contrapontos ao que os *media* transmitem. O desejo principal deste documentário é falar sobre autonomia e mobilidade, uma recente aquisição entregue pelas novas ferramentas de comunicação. Atualmente, basta uma rede de contatos assertiva, um celular e, pronto! Qualquer indivíduo é um comunicador em potencial. As redes sociais provam isso com a sua mobilização de milhões de usuários em todo o mundo e a incessante atualização de perfis e redes com os

assuntos mais relevantes (SIBILIA, 2008, p.9). O caminho é irreversível e nisso o diferencial do jornalismo segue sendo a responsabilidade com os fatos e o empenho criativo na maneira de contar uma história real.

A impressão é que o Jornal Voz das Comunidades, assim como outros veículos de comunicação comunitária atravessam hoje o que documentaristas do anos 60 experienciaram com o surgimento do Cinema Direto/Verdade. Este período, foi um marco histórico de como um salto qualitativo tecnológico em sua época, como a criação de câmeras mais leves e a inserção do som direto. Eles puderam transformar não apenas a maneira de captar o produto, mas a ética e abordagem de um estilo que antes era submetido a ser um retrato fidedigno da verdade e passa a ser um ponto de vista de uma situação que pode ser comentada e vista por diferentes perspectivas e, principalmente, grupos sociais. (RAMOS, 2004, p.83)

A razão pela qual escolhi o Voz das Comunidades como objeto de estudo foi a forma com que o jornal conta as histórias dos moradores de comunidades não apenas do Rio de Janeiro, mas do Brasil. O primeiro contato foi em uma premiação nos estúdios da Rede Globo em São Paulo para jovens jornalistas. As matérias produzidas por eles brilharam e revelaram uma aproximação na abordagem que só poderia ser própria de quem vive a realidade que conta. Entretanto, foi a originalidade da temática o mais encantador. A economia pulsante da favela com exemplos de empreendedores inovadores e com potencial que extrapola o espaço da comunidade. Pela primeira vez pude ver uma reportagem sobre moradores de uma favela do Rio de Janeiro ganhando dinheiro de forma lícita, criativa, sendo exaltados pela sua cultura, e sem a intervenção de nenhuma ação social ou de programas do governo.

O choque foi verdadeiro e, nesse momento, senti as limitações reais do meu curso. As fragilidades do ensino superior são inúmeras. Durante o curso por diversas vezes o debate da democratização dos meios de comunicação foi aberto, como também a reflexão dela como direito. Porém, durante a pesquisa desse projeto, encontrei, enquanto uma estudante de Jornalismo inquieta com seus propósitos, a razão desse direito e um entendimento que por muitas vezes ficou vago entre as demandas de trabalhos acadêmicos, discussões teóricas e inúmeras aulas: a comunicação é sobrevivência. A motivação para realizar esse trabalho foi exaltar o trabalho de pessoas que arriscam suas vidas.

Nós estamos ansiosos pelo novo e com o futuro, mas no presente diversos grupos sociais estão encontrando, pela primeira vez, o seu local de fala e espaço de reconhecimento, a internet se tornou um espaço de pluralização do conteúdo veiculado. Este conteúdo não surge por acaso, o aumento dele deriva da demanda que surgiu por coberturas que mostram diversidade. As buscas pelo termo “Diversidade” no Brasil cresceram em 30% em apenas um ano. Ou seja, hoje o assunto se tornou uma pauta nacional. As representações, por serem fruto dos acontecimentos sociais, se constituem em fato social e, como tal é resultado de uma consciência coletiva e não de uma consciência individual (CRUSOÉ, 2014, p.106).

Figura 1- Crescimento pela palavra diversidade no *Google*



Fonte.: Google BrandLab

As informações encontradas nos veículos tradicionais de mídia hoje parecem não ser suficientes. Assistimos recentemente o aumento considerável de interesse da população pelo tema e aumento da discussão sobre o olhar tradicional da mídia para as mulheres, os negros, o movimento LGBTQ+. Segundo um relatório lançado em 2017 pelo Google Brand Lab⁸, as buscas por estes temas aumentaram em 260% entre 2012 e 2017. Além deste notável

⁸ Disponível em:

<<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/dossie-brandlab-diversidade/>>. Acessado em: 12 de maio de 2019

aumento, soma-se a isso a recente mobilização de uma parcela expressiva da população por meio da internet, mais precisamente pela criação de conteúdos como vídeos, imagens e blogs. São eles, os moradores da favela, discriminados por uma ideia de um território de pobreza e miséria que não representa as favelas brasileiras (ATHAYDE e MEIRELLES, 2014, p. 40).

Sendo assim, a intenção primordial, desde o princípio do projeto, foi a captação de um material que seja verdadeiro com as condições do jornal comunitário: o de ser uma amostra de uma comunidade heterogênea. Comunidade essa, que tantas vezes subjugada, é esclarecida, entende seus direitos e clama por eles. Inclusive com potencial de formar núcleos internos com pessoas capazes de reivindicar e dar visibilidade aos seus anseios e conquista com plena capacidade de criar suas próprias versões dos fatos e narrar de dentro as suas notícias para o mundo.

3. PERGUNTA DE PESQUISA E OBJETIVOS

3.1 PERGUNTA DE PESQUISA

Nenhuma empresa de comunicação é capaz de contemplar a necessidade de informações de todas as localidades de uma cidade, município, tampouco de um estado. Toda cobertura tem a sua relevância e importância, mas a diversificação da distribuição das informações é de suma importância social. Assuntos como empreendedorismo, eventos culturais e demandas sociais são muitas vezes subtraídos quando colocados ao lado de ocorrências policiais - fato recorrente quando falamos de regiões desprovidas de recursos. A repetição desse tipo de notícia que gira em torno da violência culmina na reprodução massiva do discurso naturalizado do medo desses espaços onde o estado é ausente. (PERUZZO, 2006, p.3)

Assim, um exemplo de cidade que passa por essa situação é a cidade do Rio de Janeiro, sendo uma das maiores cidades da América Latina e a segunda maior do Brasil com mais de seis milhões de habitantes, de acordo com dados de 2018 do IBGE⁹. Um contingente populacional que acentua desigualdades sociais e na sua formação geográfica encontrou nos morros espaço de habitação para camadas sociais historicamente excluídas do fornecimento de serviços básicos pelo estado. Esses morros que foram habitados sem planejamento prévio, com uma divisão inicialmente irregular, deu origem às conhecidas favelas verticais. Dessa forma, surgiu o Complexo do Alemão. (COUTO, 2015, p.7-10).

O retrato da mídia a respeito desses locais e seus moradores é repleto de preconceitos e reforços, como explica Simone Rocha:

No caso dos moradores de favela, o imaginário social dominante brasileiro interpreta o “favelado” como um tipo social homogêneo e a favela como lugar de ausência e caos social. A favela é quase sempre definida pelo que ela não teria: um lugar sem infra-estrutura urbana — água, luz, esgoto, coleta de lixo —, sem ruas pavimentadas e bem delimitadas, globalmente miserável, sem ordem, sem lei, sem regras, sem moral, enfim, o lugar da carência, do vazio,

⁹ «Estimativa populacional 2018» (PDF). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Consultado em 19 de maio de 2019.

do perigo. Muitos autores (ZALUAR; ALVITO, 2003; CECCHETTO, 2003; RINALDI, 2003; ZALUAR, 2004, 1997,1985) já apontaram para esta questão da estigmatização e rotulação sofrida por estes indivíduos moradores de favela. Há, para estes autores, uma espécie de imaginário preconceituoso, alimentado tanto por aqueles que não querem ser associados à favela. (ROCHA, 2006, p.11-12)

Os produtos, manifestações culturais e empreendimentos feitos dentro dessa comunidade são a maneira coerente e com inclinação para mudar esse cenário. O estímulo desafia a capacidade criativa do morador de comunidade para modificar o retrato que reduz uma pessoa ao seu endereço e os estigmas que eles carrega (PERUZZO, 2006, p.10).

3.2 OBJETIVO GERAL

Apresentar a importância da identificação com o conteúdo de jornais comunitários produzidos pela sua própria comunidade nas populações estigmatizadas pela pobreza e violência. Realização de um documentário sobre a trajetória e desafios do jornal comunitário Voz das Comunidades nas favelas do Rio de Janeiro.

3.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Revisar conceitos que sejam cruciais ao estudo, como definições de “documentário” e “jornalismo comunitário”;
- Apresentar a história do jornal Voz das Comunidades, desde o surgimento, bem como a interação da comunidade e ferramenta de transformação social;
- Compreender a importância de veículos alternativos de informação para a população de um local estereotipado pela violência.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 DOCUMENTÁRIO: A LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Uma vida sem fotografias para recordar momentos importantes, essa é a analogia que Patrício Guzmán faz em seu livro, *Filmar o que não se vê* (2013), para um país sem cinema documental. O documentário é um filme que se caracteriza como uma narrativa que corresponde a um mundo em determinado momento histórico. O gênero se baseia em registros para descrever uma realidade ou organizá-la de acordo com as impressões do realizador. A diferença em relação a ficção se mede, principalmente, pela razão informativa, pois o sujeito parte da realidade não é uma história imaginária ou adaptada. (GAUTHIER, 2011, p. 80-85)

A busca pelo desconhecido, realidades distantes e temas mirabolantes nortearam toda uma geração de documentaristas. Em 1960, esses cineastas paulatinamente passaram a enxergar no documentário uma oportunidade para retratar qualquer atividade humana, pontos de interesse dentro de práticas vistas como desimportantes ou repetitivas na mídia tradicional. Assim, encontrou-se uma nova funcionalidade para o cinema documental que vai além dos grandes relatos geográficos, históricos ou de conflitos longínquos. O diferencial de um documentário passou a ser a maneira como uma história é conduzida, a personalidade trazida pelo autor da obra. (GUZMÁN, 2013, p.125-126)

Assim, surgiu o modo participativo também resultado das novas tecnologias que possibilitaram que o cineasta pudesse interagir de fato com o personagem, ao invés, de apenas observá-lo em movimento. O som direto fora do estúdio permitiu que o documentarista comunicar-se com entrevistados fora do estúdio. Essa novidade tecnológica ampliou as possibilidades criativas para realizar um documentário, mas também, segundo Bill Nichols (2010), exigiu do documentarista engajamento evidente com tema. No modo participativo, não cabe um cineasta observador discreto, nessa proposta, o autor deve transpassar o encontro vivido entre ele e a personagem para o produto. (NICHOLS, p.189-190)

O recurso do som direto torna possível a chegada destes documentaristas aos meios rurais, localidades marginalizadas e por diversas vezes excluídas dos debates sociais - é o que torna possível fazer presente a “voz do povo” pela primeira vez no Brasil. Porém, na década de

60, o ponto de vista do cidadão comum ainda não era o guia de uma história - as falas eram exemplificações de uma tese pré concebida. Isto é, o documentário seguia reunindo uma narrativa composta pela “voz do saber”, o especialista com tom de autoridade no assunto, porém com espaço para “dar voz” aos problemas vividos pela experiência popular. (LINS; MESQUITA, 2008, p. 21-22)

Em 1999, o documentário brasileiro chega a uma nova fase, em sua quarta edição o festival mais célebre do gênero no país, “É Tudo Verdade”¹⁰, passa a aceitar filmes produzidos sem película, como filmes provindo de câmeras digitais. A mudança proposta foi uma avanço na inclusão de novas tecnologias dentro do cinema, inclusive, adiantando adaptações que fazemos hoje, como por exemplo com o uso do celular.

Assim, percebe-se, gradativamente, que as circunstâncias para realizar um documentário não incluíam mais um gasto com equipes numerosas, tornando assim, mais fácil o acesso a diferentes locais. Neste contexto, grandes cineastas, como João Salles e Eduardo Coutinho têm a possibilidade de realizar recortes de temas que colocam à frente a desigualdade brasileira. Os cineastas encontraram na realidade de comunidades periféricas uma oportunidade para explanar uma realidade narrada pelas próprias pessoas que as vivem sem a necessidade de especialistas.

O filme “Notícias de uma guerra particular” (1999), dos cineastas João Salles e Kátia Lund, é uma relato da guerra inflamada entre traficantes e policiais e suas consequências na rotina da população nas favelas e morros do Rio de Janeiro. O retrato é feito, em especial, no morro Santa Marta, porém o filme é uma investigação histórica do tráfico de drogas na cidade. O filme é dividido em três tópicos: a polícia, a população e os traficantes. A equipe do filme teve acesso privilegiado a essas fontes, os depoimentos foram realizados nos locais cotidianos das personagens sempre acompanhados de depoimentos contundentes.

Um destaque dessa obra é a ausência de fonte especialista. As pessoas ouvidas foram apenas as que vivenciam diariamente o conflito retratado. Não foram ouvidas autoridades acadêmicas ou de segurança pública, este documentário, abriu um espaço verdadeiro para a “voz do povo”. Os policiais não colocam palavras de ordem, mas pontuam fragilidades pessoais

¹⁰ O É Tudo Verdade - Festival Internacional de Documentários é um festival de cinema documentário brasileiro e é considerado o maior evento do gênero na América Latina. Criado pelo crítico Amir Labaki, teve sua primeira edição em 1996 e é realizado anualmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/divirta-se/e-tudo-verdade-chega-a-23a-edicao-e-exibe-documentarios-de-mais-de-20-paises/>> O Estado de S.Paulo. Acessado em: 27 de junho de 2019.

e desabafam sobre os perigos e restrições que a situação de conflito promove na vida privada deles. As autoras Consuelo Lins e Cláudia Mesquita (2008) pontuam que essas são razões as quais explicam o distanciamento deste filme da estética observativa, pois o próprio João Salles afirma que este filme é fruto de “um desejo de ser testemunha” e testemunhar é estar apto a falar sobre o que viu, sentiu e, principalmente, o que investigou.

Notícias de uma guerra particular¹¹ foi uma grande inspiração para a forma que eu elegi para conduzir a movimentação do “Informar é Complexo”. O filme é feito durante caminhadas no morro, a ambientação é efetiva e explora imagetivamente todo o ambiente, por isso, transporta o telespectador para a rotina das personagens inseridas no contexto. Enquanto, os momentos de entrevista parada são apenas respiros para o próximo percurso. Esta mesma forma foi usada para contextualizar a rotina produtiva do Jornal Voz das Comunidades, as caminhadas exemplificam a rotina dos trabalhadores de forma correspondente ao que Lund e Salles fizeram em seu filme para transpassar o cotidiano daqueles que moram e trabalham no morro.

Além desse ponto, a opção por não eleger fontes acadêmicas, do mercado ou governamentais para comentar o contexto, foi uma inspiração na construção do produto deste projeto. Assim como Eduardo Coutinho usa dessa mesma característica em seu filme “Santa Marta: duas semanas no morro” (1987¹²) onde ele busca apenas moradores da comunidade Santa Marta no Rio de Janeiro para conduzir o seu filme. Neste filme, é possível se deparar constantemente com uma dualidade vivida pelos personagens: a exaltação versus a crítica.

Por exemplo, a partir do sétimo minuto do documentário, Coutinho busca retratar as condições habitacionais na parte superior do morro. Neste momento, ele encontra dois moradores, que não foram creditados, e ambos comentam sobre a precariedade do ambiente. O local sofria com o acúmulo de despejos de lixos que deixavam o local próximo a insalubridade. Porém, após mostrarem e fazerem reclamações contundentes o senhor pontua a seguinte frase (8' 23): “Quanto mais falar da favela, estamos rebaixando nós mesmos que moramos aqui. Nós

¹¹ LUND, Katia; SALLES, João Moreira. **Notícias de uma guerra particular**. DVD. Videofilms, 1999 (56 minutos).

¹² COUTINHO, Eduardo. **Santa Marta: duas semanas no morro** Documentário em DVD. Coleção Videofilmes, v. 3, 1987 (54 minutos).

temos que elogiar o local que a gente mora, temos que ajudar, temos que cooperar. Não pode chegar aqui e dizer que aqui é errado”.

Pois é esta mesma noção que levantou o desejo de deixar o registro da rotina produtiva do conteúdo do Voz das Comunidades. O jornal preza pela informação, principalmente, pela informação útil ao morador da comunidade. O conteúdo é simultaneamente voltado para cultura e oportunidades do local da mesma forma que é para as queixas e a segurança. Por isso, a maneira escolhida para fazer o registro do processo de realização e produção de notícias deste jornal comunitário que é um contraponto e hoje pauta a mídia tradicional, através da fala de colaboradores e consumidores do jornal Voz das Comunidades.

4.2 JORNALISMO COMUNITÁRIO: HISTÓRIAS DE DENTRO PARA FORA

Segundo a Classificação Mundial da Liberdade de Imprensa 2019¹³, promovida pela ONG Repórteres sem fronteiras, o Brasil ocupa o 105º lugar entre 180 países avaliados. O dado apresentado vai em desencontro com o artigo 19 da Declaração dos Direitos Humanos, assinada pelo Brasil, que diz: Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”¹⁴.

No campo da comunicação, o estudo sobre a agenda midiática e os efeitos da mídia se inicia com a Teoria do Agendamento, formulada por McCombs e Shaw em 1972, a partir de um estudo que comprovou que há uma forte relação entre a ênfase que a mídia dá a certos assuntos e a importância atribuída pela sociedade a esses assuntos pautados na mídia. A percepção de que os efeitos da mídia têm nuances que extrapolam a teoria do agendamento provoca uma mudança nesse campo, que contribui, enfim, para a aplicação do *framing* na agenda midiática.

¹³ Publicado todos anos desde 2002 por iniciativa da RSF, o Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa permite determinar a situação relativa de 180 países e territórios em termos de liberdade de informação. A metodologia do Ranking se baseia no desempenho dos países em termos de pluralismo, independência dos meios de comunicação, ambiente e autocensura, arcabouço jurídico e transparência e qualidade da infra-estrutura de apoio à produção de informação. Não se trata aqui de avaliar as políticas de governo dos países. Disponível em: <<https://rsf.org/pt/ranking-mundial-da-liberdade-de-imprensa-2019-mecanica-do-medo>> Acessado em: 20 de junho de 2019

¹⁴ Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>> Acessado em: 20 de junho de 2019

O enquadramento, no estudo da mídia, é definido por McCombs como “a ideia central que organiza o conteúdo noticioso, que por sua vez fornece um contexto e sugere sobre o que o assunto trata através do uso de seleção, ênfase, exclusão e elaboração” (McCOMBS, 2009, p.137). Os efeitos do enquadramento podem ser limitados de acordo com as circunstâncias sociais ou pré-disposições individuais. Ou seja, a estrutura de ligações mentais a respeito de um assunto permeiam o que foi veiculado nos canais de comunicação mais acessados, lidos ou assistidos pelo consumidor. Por isso, conteúdos variados se fazem necessários, fornecidos por variados meios de contextos culturais, sociais e políticos diferentes para pensarmos e visualizarmos debates e um pensamento crítico ampliado.

Portanto, quando falamos em liberdade de expressão, temos de incluir a liberdade de distribuição, um dos aspectos mais importantes que a internet nos deu novas oportunidades. Porém são os meios de comunicação comunitária independentes e conduzidos pela própria comunidade que assumiu um papel crucial na habilitação do acesso e participação de todos na sociedade da informação, especialmente para as comunidades mais pobres e marginalizadas.

Não parece sem sentido afirmar que as experiências comunitárias de radiodifusão carregam consigo, desde uma perspectiva de legitimidade, uma resposta direta às demandas fundamentais por informação, interlocução e expressão política e cultural que se expressam, como afirmaria Roberto Lyra Filho (1982), como a enunciação dos princípios de uma legítima organização social da liberdade de expressão, informação e comunicação. É desse modo que o direito à comunicação busca fundamento e se vincula ao bem-estar e à formação de uma opinião pública que, ao cumprir com a sua função social de pressão, julgamento e, portanto, conformação do campo político, possa então exprimir-se a partir dos valores políticos, sociais e culturais da comunidade. (ESCRIVÃO; TÁBOAS, 2016, p.91)

A revolução digital tem possibilitado uma série de transformações na transmissão e produção de informações, o processo que por muito tempo esteve estagnado nas mãos de grandes empresários da comunicação hoje passa por um processo gradual de expansão de coletividade (RAMOS, 2005, p.245). A internet tem um papel importante na inclusão de uma gama de pessoas que estão ansiosas por informação. Os autores Nascimento e Rosa comentam o caso do jornal Voz das Comunidades para mostrar como na realidade da

comunidade o acesso às tecnologias de Informação, as TICs, são exemplos de como os jornais comunitários hoje estão a par das tecnologias:

Evidentemente, o “Voz da Comunidade” não tem o mesmo potencial de visibilidade e penetrabilidade que os meios comerciais, mas tem o potencial, via jornal impresso e on-line e nas redes sociais de desencadear na própria comunidade, bem como servir de referência, motivação e inspiração as demais excluídas, uma apropriação prática do direito à livre expressão, a autorrepresentação. Isso ocorre em grande parte porque as Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs estão presentes no dia a dia da sociedade contemporânea. Além de facilitar o acesso à informação, elas provocam novas formas de sociabilidade e possibilitam ao cidadão comum a produção de conteúdos de seu interesse. Nesse contexto tecnocultural, os sujeitos desempenham simultaneamente um duplo papel: produtor e receptor ativo (NASCIMENTO; ROSA, 2012, p.2)

4.3 VOZ DAS COMUNIDADES: A FAVELA COMO PROTAGONISTA

Segundo o IBGE¹⁵, em 2017, aproximadamente 74,9% da população brasileira passou a ter acesso a internet em casa. Além deste notável aumento no acesso, soma-se a recente mobilização de uma parcela expressiva da população por meio da internet, mais precisamente pela criação de conteúdos como vídeos, imagens e blogs. Incluem-se nesses grupos também moradores de comunidades discriminados por uma ideia de um território de pobreza e miséria que não representa as favelas brasileiras. (ATHAYDE e MEIRELLES, 2014, p. 40)

Os autores do livro “Uma país chamado favela” Renato Meirelles e Celso Athayde (2014) apontam que a favela tem se mostrado um espaço culturalmente amplo e em contínuo crescimento econômico. O estudo, de 2013, aponta que o ritmo de crescimento populacional da favela despontou: hoje a população nas favelas representa 6% da população brasileira, A população das favelas, caso fosse um estado, seria o quinto estado mais populoso do país. As comunidades são capazes de movimentar 63 bilhões de reais ao ano. Essa marca impressionante é associada, pelos entrevistados retratados no livro, à onda de empreendedorismo que aconteceu nos últimos 10 anos e pouco associada à eficácia das políticas públicas.

¹⁵ Disponível em:

<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>> acessado em: 20 de junho de 2019.

Em paralelo a esse contexto, em 2005, um projeto da Escola Municipal Alcides de Gasperi, em Higienópolis na Zona Norte do Rio de Janeiro, visava a realização de um jornal comunitário¹⁶. O intuito era uma atividade extracurricular para incentivar os alunos da escola a pensarem criticamente o local em que eles moravam, em especial os pontos positivos pouco comentados pelos outros meios de comunicação. Um aluno de apenas 11 anos se interessou muito pelo projeto, que a priori era destinado a estudantes um pouco mais velhos. O aluno, Rene Silva, achou que o jornal poderia ir além do seu colégio e com a ajuda da professora resolveu expandir o projeto para todo o Complexo do Alemão, favela da Zona Norte do Rio de Janeiro, onde ele mora até hoje. Assim, surgiu o jornal comunitário Voz das Comunidades.

A história do jornal perpassou por momentos chaves: inicialmente, a tiragem da versão impressa não passava dos 100 exemplares, os quais eram viabilizados por meio de doações e anúncios publicitários dos comerciantes da comunidade. Por muito tempo foram distribuídos 10.000 exemplares, mas no momento não está em circulação por falta de verba. A entrada do jornal na internet com informações *online* e em tempo real para os moradores, a criação de perfis nas redes sociais. As ações em prol da comunidade nas datas comemorativas que fortaleceram os vínculos com a comunidade. Entre tudo isso, o mais importante: a criação de uma rede de apoio com os moradores. O Voz das Comunidades tem mais de 4.000 contatos em listas de transmissão para receber em primeira mão dos líderes comunitários de cada região os problemas, projetos, conquistas. Dessa forma, consegue estar presente em vários territórios e proporcionar a informação em tempo real com menos deslocamento e mais precisão¹⁷.

Desde o início, Rene Silva e o seu irmão mais novo Renato Moura coordenam o projeto. Porém, foram incontáveis os voluntários que tornaram a iniciativa um propósito da comunidade. O engajamento dos moradores demonstra que o Voz das Comunidades é uma ideia que resiste após 14 anos porque os moradores confiam nele.

O jornal não demorou para estar online e ter seu próprio portal de notícias e perfis nas redes sociais; *twitter*, *facebook*, *instagram*. A apropriação das novas tecnologias portáteis (TICs), segundo Peruzzo (2006), facilitou a disseminação de informações a favor dos jornais

¹⁶ Conteúdo retirado da entrevista concedida por Rene Silva para o documentário, “Informar é Complexo”, produto final deste memorial descritivo.

¹⁷ Conteúdo retirado da entrevista concedida por Renato Moura para o documentário, “Informar é Complexo”, produto final deste memorial descritivo.

comunitários. Isso garantiu que durante a ocupação do Complexo do Alemão, pelas tropas da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, juntamente com as Forças Armadas o jornal tivesse conteúdo exclusivo e seguro. As tropas entraram no Complexo do Alemão com o propósito de deter o controle do Comando Vermelho, uma facção criminosa que gerencia o tráfico em parte do Rio de Janeiro. Em função da magnitude da operação, o processo de ocupação dominou os noticiários e o Complexo do Alemão ganhou notoriedade na TV, rádio, jornais impressos e a Internet.

Portanto, trata-se de um sujeito empoderado comunicacionalmente que utiliza o potencial das mídias alternativas, em especial no ciberespaço, para multiplicar uma representação contra-hegemônica da comunidade onde está inserido. Essa expansão deve-se ao fato do sujeito Rene ter encontrado outros sujeitos na rede que se identificaram com a referida proposta comunicacional e passaram a replicar a outros sujeitos. Nesse processo crescente e em rede, a versão de Rene conseguiu pautar a própria mídia convencional que também tem uma capacidade indiscutível de penetrabilidade e visibilidade no tecido social. (NASCIMENTO e ROSA, 2012, p.10)

Por ser uma fonte de informação privilegiada, obteve um aumento exponencial no número de seguidores no microblog *twitter*¹⁸. A conta de 180 seguidores passou a ter 20.000 perfis conectados ao jornal em apenas um dia de operação (JÚNIOR, 2011, p.11). Nesse momento, a repercussão nacional e internacional motivou os jovens a expandirem a atuação do jornal no Rio de Janeiro. Hoje o periódico se tornou uma ONG que visa priorizar o apoio e ações afirmativas da comunidade. É possível encontrar, por exemplo, conteúdo sobre violência, no entanto, com a visão e o intuito de proteger os moradores, como coloca Rene Silva em entrevista concedida à Academia Sebrae, publicada no dia 16 de novembro de 2016¹⁹:

¹⁸ Twitter é uma rede social e microblog gratuito cuja principal função é promover liberdade de expressão por meio da constante atualização dos perfis de usuários. As publicações, atualmente, podem conter até 280 caracteres, mas até 2017 só podiam textos de até 140. Para maiores informações, consultar < <https://about.twitter.com/> >. Acesso em: 20 de junho de 2019.

¹⁹ Disponível em: <<http://academiasebrae.com.br/atitudo/complexo-alemao-para-harvard-e-o-mundo/>> acessado em: 20 de junho de 2019.

A ideia surgiu pela necessidade dos moradores do Complexo do Alemão de terem acesso à grande mídia. Por morar dentro de uma favela do Rio de Janeiro, nunca me senti representado nos jornais. Quando aparecemos nas notícias, só falam de guerra e drogas. A favela é retratada como um inferno, como se tudo que houvesse aqui fosse a violência, e como se nós, moradores, nem existíssemos no meio de tudo isso. Por isso, queríamos um veículo de comunicação próprio que mostrasse o que tem de bom no Alemão, além de denunciar problemas cotidianos, como a falta de saneamento básico, de água e de luz, e cobrar soluções para eles.

O Voz atua em 9 favelas do Rio, mas também realiza cobertura sobre qualquer favela do município do Rio de Janeiro. São elas: Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, Rocinha, Santa Marta, Cidade de Deus, Vila Kennedy, Vila Vintém, Complexo do Alemão, Complexo da Penha, Complexo da Maré. Além disso, há colaboradores de outras comunidades do Brasil, como nas presentes nos estados de Alagoas, Belo Horizonte e São Paulo. Anualmente, várias campanhas solidárias são realizadas em prol da população das favelas do Rio de Janeiro em datas comemorativas, como por exemplo, a “ Pazcoa (sic) das comunidades”, o “Natal solidário”, entre outras.

O projeto levou a voz da favela para além do seus limites, atualmente, Rene Silva é reconhecido por estar entre os 100 negros com menos de 40 anos mais influentes do mundo em 2018, de acordo com a organização Mipad (Most Influential People of African Descent).²⁰ O Voz também já foi finalista do prêmio Petrobras de Jornalismo na categoria Telejornalismo²¹. Os méritos existem, mas como Rene Silva disse em entrevista ao portal *Hypeness*:

Acredito que os veículos tradicionais estão se adaptando aos novos tempos e as Mídias Comunitárias, regionais em geral, estão tomando conta cada vez mais do espaço na comunicação. Já deveriam começar mudando desde as primeiras palavras do texto, quando se referem a um morador de favela negro como traficante e ao filho de um político branco como jovem no título de uma matéria. (SILVA, R. 2018)

²⁰ Disponível em:

<<https://www.hypeness.com.br/2019/01/protagonismo-da-favela-rene-silva-e-o-voz-das-comunidades-apontam-o-futuro-do-jornalismo/>> Acessado em 20 de junho de 2019.

²¹ Disponível em:

<<http://www.premiopetrobras.com.br/show.aspx?idMateria=FOSLDUAKup0wqBchYKKjZw=>>> Acessado em 20 de junho de 2019.

O jornal Voz das Comunidades segue como uma das vertentes da ONG Casa Voz, que além da informação oferece atividades culturais, cursos de capacitação e passará, em breve, a contar com atendimento psicológico gratuito para a população do Complexo do Alemão. Durante a entrevista para o documentário “Informar é Complexo”, Rene comenta que não há limites para onde o Voz das Comunidades possa chegar, porém é preciso trabalhar com a realidade e com muita resiliência.

5. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho explicará o meu processo de descodificação. Segundo Freire (1987, p.6), tal processo é um olhar crítico sobre a realidade na qual o sujeito se encontra imerso. No contexto deste projeto, tal processo se materializa nas novas percepções que desenvolvi durante os encontros com as pessoas e a comunidade do Complexo do Alemão. Eu me propus a sair do local de telespectadora e observadora da realidade de uma comunidade do Rio de Janeiro para viver uma experiência de imersão e aprofundamento que me possibilitaram refletir e revalorar ideias antes pré concebidas a partir do relato das mídias hegemônicas. O meu documentário é um convite para que outras pessoas que não vivem nas comunidades e favelas brasileiras e ao redor do mundo façam o mesmo.

A proposta é desenvolvida por meio de um diário de bordo descritivo das três etapas de realização de uma obra audiovisual, como é o documentário: pré-produção, gravação e pós-produção. A opção por esse modelo se deu devido a potência do material descritivo coletado durante as gravações paralelamente a filmagem do documentário.

5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

O período de pré-produção do documentário começou ainda na disciplina pré projeto experimental em jornalismo ofertada pela faculdade de comunicação (FAC) para elaborar a ideia inicial do trabalho de conclusão de curso. O meu tema foi pensado ao longo da matéria de pré projeto experimental em Jornalismo no primeiro semestre de 2018 e felizmente não houveram mudanças bruscas em relação ao tema sugerido para o projeto, apenas adaptações encaminhadas pelo orientador e professor da disciplina, na época, Dr. David Renault. Uma dificuldade desse momento foi conseguir a bibliografia específica sobre crescimento econômico nas comunidades do Rio de Janeiro e o desenvolvimento do provável calendário.

Neste período, a ideia do documentário ainda era embrionária com muitas elucidações e pouca viabilização. O segundo semestre de 2018, foi dedicado ao levantamento de recursos, prospecção de um cronograma em conjunto com a equipe do Jornal Voz das Comunidades e a procura por uma equipe que tivesse interesse em ceder voluntariamente suas diárias.

No início de 2019, eu já havia pré agendado entrevista com ex-participante e participantes do Jornal. Uma dessas pessoas é a Produtora Cultural do Voz das Comunidades, Roberta Meireles, mais conhecida como Betinha, uma mulher extremamente carismática que viabilizou e iluminou todo o processo. Ela fez a ponte de contato com o idealizador, Rene Silva, e partes do cronograma de estadia com as pessoas da equipe que formam o jornal. A aprovação da proposta foi rápida.

Neste período aproveitei para conhecer e acessar o máximo do material disponível sobre o Voz das Comunidades nas redes, reportagens, entrevistas, material acadêmico e outros projetos que haviam se inspirado no trabalho desenvolvido pelo Voz das Comunidades.

As locações não foram previamente planejadas, pois precisavam fluir de acordo com a rotina do jornal, ou seja, baseada na factualidade. O planejamento anterior previa dois dias de descanso para salvaguardar quaisquer eventualidades que pudessem interromper as gravações sem obstruir o planejamento de sete dias de gravação. Eu disponibilizei a hospedagem para a minha equipe na casa que a minha família possui no Rio de Janeiro. A captação de recursos foi feita por mim prestação de serviços particulares e bolsa do estágio remunerado que faço na Rede TV! / TV Brasília. Os serviços técnicos foram todos doados pela equipe.

A escolha da equipe foi muito sensível, como venho do jornalismo estou acostumada a trabalhar com pessoal reduzido. Esta é uma forma que me agrada, por isso, decidi por ter uma pessoa da fotografia, do som e da edição. Primeiramente, porque o deslocamento de Brasília até o Rio de Janeiro não era o mais simples e, também, pela quantidade de tempo da viagem. Além disso, o local e os possíveis contratemplos eram desconhecidos até mesmo para mim. Logo, não achei viável a ideia de ir com uma grande quantidade de pessoas até a redação. No meu imaginário, senti que quanto menos pessoas fossem menos invasivos seríamos.

A Ingrid Albuquerque ficou encarregada para me auxiliar com a fotografia. Já que eu estaria constantemente com a câmera na mão, ela estaria responsável por captar, principalmente a atmosfera do local. Eu a conheci na UnB e juntas realizamos gravações para um documentário sobre o projeto de extensão Vivência Amazônica do Núcleo de Estudos sobre a Amazônia. Lá já passei a admirar o trabalho dela e vi o trabalho desenrolar com tranquilidade. O Lucas Ramalho ficou a cargo da montagem dos gravadores e do som direto

além de contribuir com a produção no local. A Fernanda von Borries, é uma amiga de longa data e, atualmente, está cursando Cinema no instituto de ensino superior de Brasília (IESB). Ela já possuía experiência profissional na edição de vídeos para blogs, documentários e institucionais. Assim, a produção, direção e a câmera na mão ficaram principalmente sob minha responsabilidade.

5.2 GRAVAÇÃO

A gravação do documentário durou sete dias ao todo entre os dias cinco e doze de abril de 2019. A equipe foi composta por mim, Vivien Doherty Ludovice, que exerci o papel de produtora, diretora e câmera na mão, Ingrid Albuquerque, que fez captação de imagens e, Lucas Ramalho, que contribuiu com o auxílio no deslocamento e captação do som. A rotina de trabalho variou entre sete e doze horas diárias. Inicialmente, não havia nenhuma matéria programada para acompanharmos, todas elas surgiram conforme a rotina produtiva e a demanda do jornal. As filmagens aconteceram no Complexo do Alemão, Complexo da Penha, Complexo da Maré, todas favelas da Zona Norte, do Rio de Janeiro, algumas das comunidades em que o Voz das Comunidades atua.

As impressões tiradas pelas entrevista e o estudo feito ao longo de um ano não foram suficientes para diminuir as expectativas, o primeiro dia de gravação aconteceu logo no dia seguinte da nossa chegada ao Rio de Janeiro. A nossa viagem já havia começado há muito tempo, eu e Ingrid por diversas vezes imaginamos quadros e cores que poderiam estar presentes e, inclusive, o significado dos ruídos que a grande movimentação traria para o documentário.

5.2.1 Primeiro dia:

O dia começou cedo com os preparativos de uma pequena mala preta que seria o nosso apoio para nos deslocarmos pelo Rio de Janeiro com o material em segurança e protegido. O combinado com a Betinha era que chegássemos logo após o almoço para nos apresentarmos. A nossa hospedagem estava a 30 minutos, em média, da redação do Voz das Comunidades. A pessoa responsável pelo nosso deslocamento seria César Rosário, conhecido do pessoal do Voz das Comunidades e morador do Complexo do Alemão.

O primeiro encontro foi também um reconhecimento de área. Eu e minha equipe chegamos a Casa Voz, esse espaço é um projeto antigo de expansão das atividades desempenhadas pelo Voz das Comunidades. Além do jornalismo e da produção cultural, agora, o projeto tem um espaço amplo e comporta palestras, oficinas e cursos de aperfeiçoamento, além de atendimento psicológico gratuito. A equipe havia se mudado para lá há menos de um mês. O espaço é muito maior do que eu esperava e os planos ambiciosos para o local foram uma surpresa, inclusive, para mim. A casa é convidativa e conforto no local foi imediato, mas ainda havia muito por fazer, como a organização dos espaços e reformas previstas.

Muito atento às notícias que passavam na televisão sentado na mesa de reunião, avistei o presidente e idealizador do Voz das Comunidades, Rene Silva. Finalmente, nos conhecemos pessoalmente e desde esse dia até o último, vi Rene como o vi em todos os dias subsequentes: muito ocupado. O celular não parava, muitas mensagens, atualizações constantes nas redes sociais, atenção máxima aos assuntos da mesa. Ele me explicou um pouco a sua rotina atribulada, dividida no crescimento do Voz das Comunidades enquanto ONG e jornal, empregos e refinamento de contatos. Nós fizemos a apresentação do nosso projeto e de imediato marcamos uma data com eles.

Logo, após sermos apresentados a toda equipe, acompanhamos a gravação do programa #sextou. Ele é transmitido semanalmente, às sextas-feiras, ao vivo na página do *facebook* do jornal, ele é um contraponto à agenda cultural do RJ TV, o jornal local da Rede Globo que é transmitido diariamente, e que não prioriza as atividades culturais em favelas. Em sequência entrevistamos a Juliana Henrik, que apresenta o programa, ela foi extremamente acessível e generosa na entrevista. A repórter já está há anos no Voz das Comunidades. Ela também coordena um projeto que visa incluir as meninas da favela no mundo da moda, com aulas de *styling*, passarela e apoio psicológico. Ela contou sobre a experiência dentro do jornal comunitário, o espaço de acolhimento e debateu também as questões afirmativas relacionadas a classe social, raça, gênero e sexualidade.

A gravação desse programa foi a primeira amostra da profundidade do material feito pela equipe do Voz das Comunidades. A resistência promovida por esse programa é uma questão cultural. Ele valoriza e promove os artistas locais e os empreendedores da

comunidade. Além da promoção do artista ou do lucro, a promoção é das boas ações presentes em um espaço esquecido da agenda cultural das grandes mídias.

Figura 2- Parede Casa Voz



Fonte: ALBUQUERQUE, 2019. Arquivo pessoal

5.2.2 Segundo dia:

No segundo dia, acompanhamos a oficina da jornalista Marina Morganti, ex chefe de redação do Voz das Comunidades. Ela foi até a redação do jornal ensinar novos voluntários a fazerem uma decupagem - um registro das falas de trechos que foram gravados em vídeo ou som. A partir das conversas que pude escutar, eu percebi como o retorno de ex membros para aprimoração dos novos é muito comum dentro do projeto. A sensação que me foi passada é a de que ninguém abandona o barco, ou seja, o pertencimento e uma esfera de gratidão são muito presentes, mas o entendimento deles de que aquele local é uma imensa rede de contatos é evidente também. A entrevista com ela foi muito tocante, pois ela fala sobre a força de vontade necessária para trabalhar com a editoria de cidades. Ela explicou o amor pelo jornalismo e qual função mais agradava e, hoje contratada de uma grande emissora, comentou que o jornalismo comunitário foi a sua principal escola.

Aproveitamos a oportunidade da oficina para conhecer os voluntários que estavam lá, conseguimos reunir quatro deles para fazer uma entrevista em grupo. Todos são muito engajados com o projeto, alguns eram estudantes de jornalismo, outros não. O João Victor Gonçalves se destacou durante essa entrevista comentando sobre o sensacionalismo midiático. Ele que é nascido e criado no Complexo do Alemão e relatou que por diversas vezes teve currículo negado pelo seu endereço, explicou, que a violência acontece, mas não é o principal tema na sua vida. Os seus sonhos, a busca por uma qualificação, as relações com os amigos e a família são muito mais importantes e presentes em sua vida que a violência.

Durante, a manhã eu já estava preocupada com as imagens em movimento e da ação jornalística da equipe, mas foi aí que o Renato Moura, chefe de redação do Voz das Comunidade e vice-presidente nos convidou para acompanharmos as matérias da tarde. Daquele momento em diante, o Renato se tornou o meu companheiro na condução do documentário. Todas as matérias que são feitas passam pelo crivo dele e boa parte são gravadas ou acompanhadas por ele.

Pela tarde, fizemos a cobertura de duas matérias ambas revelaram faces muito características do local. A primeira foi uma entrada ao vivo pelas redes sociais para atualizar a interrupção no trânsito devido a uma erosão que fez com que moradores fossem transferidos para outro local em troca de uma aluguel social. A caminhada até o local foi a primeira oportunidade para ver o descaso das autoridades públicas com o local. A caminhada de 15 minutos revelou casas com risco de desmoronamento, erosão no solo, lixo em área irregular, esgoto a céu aberto e ruas interditadas.

A segunda foi um vídeo, parte de um projeto de datas comemorativas, uma maneira de dar visibilidade aos trabalhadores e lutas das pessoas da comunidade. Nós acompanhamos a gravação para o Dia Mundial do Combate ao Câncer. Nesse momento, pudemos ver a união da comunidade, e a esperança acompanhada da luta intensa. Nós conversamos com uma senhora que havia lutado contra o câncer de mama e fez todo o tratamento na rede pública com muito êxito. Uma história de superação que foi possível graças ao envolvimento de toda família e comprometimento.

Neste mesmo dia, eu percebi que o fio narrativo do meu documentário poderia estar no Renato. A timidez dele me impedia de acessar alguns pontos muito importantes, mas as

histórias contadas pelos companheiros de trabalho deixaram claro que o Renato era a pessoa certa para me auxiliar. No mesmo dia ele se prontificou a me deixar a par da agenda do dia e disse que as minhas saídas pela comunidade deveriam ser acompanhadas por ele.

Figura 3- Retrato Renato Moura



Fonte: ALBUQUERQUE, 2019. Arquivo pessoal.

5.2.3 Terceiro dia:

O terceiro dia não tinha agenda então o Renato me enviou uma mensagem logo pela manhã nos convidando para cobrir o retorno de um participante do *Big Brother Brasil*, Rodrigo Ubuntu, para favela da Penha. Nesse dia, nós pudemos nos deslocar juntamente com a equipe de Kombi. Esse momento gerou um diálogo engraçado e verdadeiro sobre a locomoção para as pautas - os mais usados são o transporte coletivo, moto-táxi, e os pés. A proposta era irmos até o local, às 15h, estava prevista uma passeata para homenagear o ex BBB. Uma passeata havia sido organizada, mas devido a um tiroteio que havia acontecido mais cedo na região as ruas estavam um pouco esvaziadas, mas ninguém havia se ferido. Com o passar do tempo as pessoas iam se concentrando no local, mas o fluxo de homens armados ainda era presente.

Um dos momentos mais marcantes foi a explicação da repórter Juliana Henrik a respeito da importância de figuras como o Rodrigo Ubuntu na comunidade, ela me explicou, que ele foi um bom exemplo na casa, lutou contra o racismo e a intolerância religiosa e que é

muito raro para os jovens das favelas do Rio de Janeiro encontrar essa identificação na mídia tradicional e isso foi muito relevante para eles. Este diálogo me fez questionar o estereótipo que é feito em relação ao consumo do *reality show*. Os argumentos da Juliana foram precisos, é muito importante para o morador de favela ver bons exemplos que vieram da favela. No programa essa oportunidade é mais acessível que no jornalismo e nas teledramaturgias.

O movimento se estendeu até a casa do Rodrigo Ubuntu. Lá acompanhamos a festa de recepção da família. Nesse momento, foi incrível poder ver as crianças dançando funk na festa fazendo o passinho, o ambiente era verdadeiramente familiar e fomos bem acolhidos. Nisso o tempo se estendeu e nós tivemos dificuldades no retorno para casa, pois só poderíamos deixar a comunidade com alguém da equipe e o evento se estendeu além do previsto inicialmente.

Neste dia, algo que me surpreendeu positivamente foi o respeito da comunidade pelo trabalho feito pelo Voz das Comunidades. E mais que isso, é como a equipe está acostumada não apenas à realização de reportagens, mas em serem um exemplo. Por isso, senti uma responsabilidade social enorme pelos que fazem o projeto acontecer. Eles têm plena consciência da sua abrangência e influência na vida dos moradores.

5.2.4 Quarto dia:

O quarto dia de gravação tinha apenas um objetivo e uma marcação: a entrevista previamente agendada com o Rene Silva. Durante toda a tarde o tempo ameaçava uma chuva forte, o céu estava muito nublado. Quando chegamos na casa Voz alguns respingos já estavam caindo, mas no primeiro momento em que cessou, nós imediatamente corremos para a locação. O local da entrevista do Rene foi muito cuidadoso e contou com a colaboração da equipe de produção do próprio jornal, nós fomos até a casa de uma moradora que colabora muito com a ONG e a laje dela fica de frente para um morro com várias casas.

Durante o caminho foi a nossa melhor oportunidade para fazermos imagens do Rene caminhando pela comunidade, interagindo com quem parava na rua. O local era a 10 minutos a pé da redação e quando chegamos nele foi surpreendente. A laje dava para um paredão de casas que compunham perfeitamente o cenário, o teleférico abandonado em deterioração era plano de fundo. Nós conseguimos fazer entrevistas com a câmera na mão e uma mais longa

com a câmera no tripé. Tivemos problemas técnicos com o áudio devido às configurações da câmera. O áudio reserva conseguiu preservar a maior parte do material.

A volta para o local em que estávamos hospedados foi extremamente conturbada, a chuva estava muito intensa e o trajeto que estava demorando vinte minutos demorou quase três horas. Devido à um alerta da ²²defesa civil, no dia seguinte nós não fomos até a redação para seguir com as gravações.

Figura 4 - Retrato Rene Silva



Fonte: ALBUQUERQUE, 2019. Arquivo pessoal.

5.2.5 Quinto dia:

A marcação desse dia era com a editora do portal, Melissa Cannabrava. Nós conversamos sobre a falta de recursos para a continuidade do jornal impresso, as principais demandas do público nas redes sociais. Também acompanhamos uma matéria dos estragos da chuva no Campo Everest, uma das comunidades do Complexo do Alemão. A líder comunitária Camila Moradia, foi até a redação pedir auxílio e prontamente a equipe se disponibilizou e foi até o local para fazer imagens e cobrir os estragos.

²² Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/01/abril-termina-como-o-mes-chuvoso-no-rio-nos-ultimos-22-anos.ghtml>>, acessado em: 21 de junho de 2019.

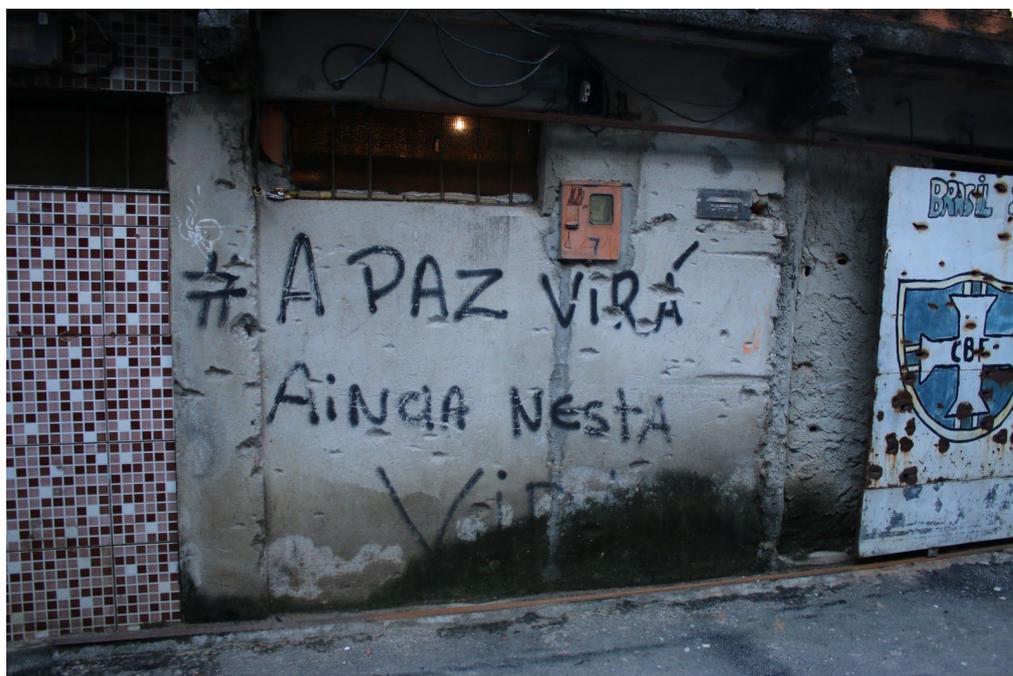
Depois disso, retornamos para a redação, fizemos algumas outras perguntas para a Melissa e encontramos com leitores do jornal. Eles foram até a redação conversar com a equipe sobre a importância do jornal na vida dos jovens da comunidade e na segurança dos moradores do Complexo. A conversa com moradores estava previamente agendada no meu roteiro, mas foi interessante ver a lucidez com que eles entendem o trabalho do Voz das Comunidades e de outras organizações da região. O ponto de ter uma voz interna que ecoa para fora ao invés do contrário foi um ponto destacado constantemente.

Por fim, acompanhamos a gravação de uma matéria que o Voz das Comunidades preparou para o RJ TV da Rede Globo. A matéria contou um pouco da história do projeto de teatro realizado no museu da Maré, no Complexo da Maré, e chamou o público para a peça que iria estrear no final de semana.

5.2.6 Sexto Dia:

O dia começou com uma única marcação, o fotojornalista e ex fotógrafo do Voz, Betinho Casas Novas. Nós o esperamos por quase duas horas até que ele chegasse. O Betinho é especializado na cobertura de operações policiais. Antes de irmos ele comentou que daríamos uma volta que mudaria a percepção sobre a comunidade. Assim que ele chegou fomos até uma zona quente, ou seja, locais com alto risco de tiroteio. O ponto ficava em um dos picos do Complexo do Alemão e é conhecido por ter sido o primeiro local da comunidade a receber uma delegacia de polícia.

Figura 5 - Parede do Capão



Fonte: LUDUVICE, 2019. Arquivo pessoal.

As marcas de tiro eram visíveis, cenas de uma guerra que eu nunca soube, o meu imaginário tão distante dessa realidade imaginava conflitos, mas não era capaz de entender a proporção da violência advinda da disputa territorial entre tráfico e estado. Os policiais armados estavam em todas as esquinas e uma estação de teleférico abandonada demonstrava o sucateamento dos serviços públicos prestados. Hoje, nenhuma das estações entregues para a olimpíada de 2016, que foi sediada no Rio de Janeiro, no Complexo do Alemão, funciona. Depois de uma breve conversa com o Betinho no local nós almoçamos e esperamos pelo Renato para nos levar a uma outra pauta.

Nós fomos até o Capão, uma das áreas mais pobres da favela, cobrar uma solução para a escadaria de um dos acessos da região que havia sido denunciado pelo jornal, mas foi ignorado pelas autoridades. A população parecia muito sensível a possíveis deslizamentos na região e esperando pela próxima tragédia no local. Depois disso, retornamos para redação e fizemos uma entrevista parada com o Betinho. Este, foi sem dúvida o dia mais impactante e cansativo das gravações, ao final, voltamos para casa muito reflexivas sobre a montagem.

5.2.7 Sétimo Dia:

O último dia de gravações começou com alguns objetivos já pré-definidos, como entrevistas com três coordenadores do Voz das Comunidades, Tiago Bastos, Allan e Roberta Meireles. Nesse dia, também acompanhamos uma gravação para um série de reportagens especiais sobre “O que é favela?” que o Portal está preparando, principalmente, para o público externo da comunidade. O documentário ainda não foi lançado.

O jornal possui uma enorme preocupação em desmistificar e corrigir equívocos sobre o que é divulgado a respeito do morador da favela, por isso, ações como essa de conscientização são corriqueiras. A entrevista foi feita com o Professor Doutor aposentado da Universidade Federal Fluminense, Jailson Silva, nascido e criado na comunidade da Maré - ele criou o Observatório de Favelas e é o diretor geral da Uniperiferia.

As outras entrevistas agendadas foram feitas pela tarde, inclusive, um adendo que precisei fazer com o Rene para esclarecer o episódio em que ele e o seu irmão Renato foram detidos. O dia foi muito intenso, mas a sensação com a finalização de captação de conteúdo foi muito satisfatória. Ao final, fomos juntos com a equipe do jornal comemorar a finalização e celebrar os laços que fizemos e a trajetória de sucesso e desafios do Voz das Comunidades.

5.3 PÓS PRODUÇÃO

A montagem do curta-metragem foi feito em conjunto por mim e pela Fernanda von Borries durante os dois meses seguintes a filmagem. Cada corte passou pelo meu crivo, assim como a sequência. As reuniões com a orientadora do projeto, Erika Bauer, foram decisivas para o aperfeiçoamento dos momentos de silêncio e ritmo que compõem as estratégias narrativas de um documentário.

O curta metragem foi todo editado no programa *Premiere* da *Adobe Crobat* pela Fernanda von Borries, incluindo a finalização com o ajuste de cores e a edição no som direto. As filmagens aconteceram durante vários dias e foram majoritariamente feitas em locais externos, por isso, dependemos muito da luz natural - a qual variou bastante durante os dias de gravações. Por isso, o processo de colorização foi essencial para ajustar a padronização do filme.

A animação que apresenta o título do documentário foi feita pelo Ângelo Vieira, animador e ilustrador que trabalha comigo, ele cobrou um valor simbólico pelo trabalho. Além dele, também contei com a cessão dos direitos autorais da música “Complexo” MC Bielzinho que fez parte da trilha sonora do filme. A música conta um pouco do cotidiano dos moradores do Complexo do Alemão e exalta a resistência deles.

O mais difícil no processo foi desapegar do material gravado. Uma parte significativa das entrevistas e os materiais que coletamos não puderam entrar no conteúdo final pelo limite do tempo. Inclusive, gostaria de ressaltar um ponto de evolução para próximos projetos que é a objetividade do material coletado. O volume captado prolongou muito a edição do curta, acredito que seja possível fazer escolhas mais assertivas e objetivas tanto no momento da entrevista quanto na triagem.

As possibilidades de montagem foram infinitas, a trajetória escolhida conjuntamente por mim e pela Fernanda von Borries foi de acordo com a intenção, que norteou o projeto desde o princípio, a de mostrar a rotina de quem faz e pensa o jornal Voz das Comunidades. O resultado final chama atenção para as pessoas, moradores e colaboradores do Jornal. Além, de falar das conquistas e coragem diária que os comunicadores do jornal comunitário tem como missão.

Eu ainda sinto que mesmo com o material finalizado as opções seguem inúmeras, por isso, gostaria de deixar aqui aberta a possibilidade para um material extra para visitar em um futuro próximo.

6. ORÇAMENTO

O orçamento do documentário foi realizado com recursos particulares e com a doação de serviços e empréstimos gratuitos de equipamentos. Os preços abaixo, exceto da tabela 1, foram todos estimados a partir de orçamentos e indicação salarial sindical. Seguem as tabelas que estimam o valor total do projeto:

Tabela 1: Custo pago pela produção para a realização do projeto

Produção	Custo
Passagens aéreas Brasília - Rio de Janeiro (ida - volta)	R\$690,00
Deslocamento	R\$600,00
Alimentação coletiva	R\$560,00
Animação do Título	R\$200,00
Total	R\$1.850,00

Tabela 2: Custo estimado dos serviços oferecidos²³

Trabalhos oferecidos	Diárias	Custo estimado
Diretor Cinematográfico	Uma semana	R\$ 4.041,47
Direção de câmera	Uma semana	R\$ 2.668,04
Técnico de som direto	Três dias	R\$ 1.143,45
Editora e montadora	Duas semanas	R\$ 5.336,08
Total		R\$ 13.189,04

²³ Valores estimados segundo a tabela de preços mínimos de prestação de serviços para profissionais de longa, média e curta metragem e documentários - 2018/2019 do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica e do Audiovisual dos Estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Distrito Federal (SINDCINE). Disponível em PDF: <<http://www.sindcine.com.br/Store/Arquivos/tab-telefilmes-series-minisseries-novelas-e-conted2018-06-01.pdf>> . Acessado em: 16 de maio de 2019

Tabela 3: Custo estimado dos equipamentos utilizados²⁴

Aluguel dos equipamentos	Diárias	Quantidade	Custo estimado
Diária de câmeras DSLR	Uma Semana	2	R\$ 1.500,00
Microfone Direcional RODE	Uma Semana	1	R\$ 270,00
Tripé com três níveis Benro	Uma Semana	1	R\$ 240,00
Cartões de memória 32GB SD	Uma Semana	4	R\$ 140,00
Total			R\$ 2.150,00

²⁴ Os valores foram uma estimativa dos orçamentos pedidos à três locadoras de equipamentos em Brasília via e-mail, são elas; Culturata, MovieCenter Locadora e a Cena Zero.

7. ETAPAS E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PLANO DE TRABALHO

As seguintes etapas descritas fazem parte do plano de trabalho elaborado com a professora orientadora Erika Bauer. As atividades consistem na pré produção, gravação e pós produção do documentário e a elaboração do memorial descritivo. Os prazos foram estabelecidos de acordo com a agenda dos entrevistados e equipe.

7.1 ETAPAS

- Etapa 1 : Produção de trabalho textual com os resultados da pesquisa;
- Etapa 2: Pré produção: elaboração do roteiro, agendamento com as fontes, compra de passagens, separação e levantamento de equipamentos;
- Etapa 3: Realização: gravação do documentário no Complexo do Alemão, Rio de Janeiro;
- Etapa 4: Pós produção: montagem, primeira versão do documentário, análise discursiva das entrevistas em profundidade;
- Etapa 5 : Entrega do memorial com o filme editado.

7.2 CRONOGRAMA E EXECUÇÃO DO PLANO DE TRABALHO

Tabela 4 - proposta de divisão das etapas de trabalho ao longo do primeiro semestre de 2019.

Etapa	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho
1	◆	◆	◆	◆	◆	
2		◆	◆			
3			◆			
4			◆	◆	◆	
5						◆

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho cumpriu o seu objetivo de dar visibilidade a narrativa provinda do Jornal Voz das Comunidades. O conteúdo produzido pela ONG fortalece o Complexo do Alemão e as outras favelas nas quais faz cobertura, pois narra de dentro para fora as conquistas e batalhas de populações estigmatizadas pela pobreza e violência. A realização desse documentário foi uma verdadeira homenagem a quem mora neste território.

O filme documentou, como disse Eduardo Coutinho, “aquilo que não sou eu, ou aquilo que não sei”, em um painel durante um colóquio do II Congresso de Jornalismo Cultural da revista Cult²⁵. Eu não trouxe convicções anteriores, assim como não tenho propriedade para falar em nome ou pela causa protagonizada pelos moradores do Complexo do Alemão. O caminho narrativo do filme foi construído durante as gravações de acordo com o que fui autorizada a acompanhar na rotina dos entrevistados.

O curta-metragem denuncia o eminente descaso e brutalidade de um estado ausente e o uso da mídia como recurso para a espetacularização e alienação. Porém, ele tem como fio condutor a demanda da população pela informação e a aliança formada entre essa reivindicação e a equipe do jornal comunitário - composta apenas por pessoas de dentro da própria comunidade.

A minha percepção é que o “Informar é Complexo” encontrou uma relação de dualidade que transita a todo instante entre a denúncia e o orgulho. Porém, internamente encontra saídas de doação, afeto e resistência dentro de um contexto desigual e de luta pela sobrevivência com dignidade.

Gostaria de concluir ressaltando o enorme prazer e orgulho deste filme e de poder relatar todas essas histórias, compartilhar e aprender com o trabalho do Voz das Comunidades.

²⁵ Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/eduardo-coutinho-narrador-de-narracoes/>> Acessado em: 20 de junho de 2019

Figura 6 - Sem legenda



Fonte: LUDUVICE, 2019. Arquivo pessoal.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Patrícia Brandão; RODRIGUES, Rute Imanishi. **A gramática da moradia no Complexo do Alemão: História, documentos e narrativas**. Texto para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2015.

CRUSOÉ, Nilma. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Vitória da Conquista Ano II**, n. 2, p. 105-114, 2004.

ESCRIVÃO, Antônio; TÁBOAS, Ísis. **Comunicação como exercício da liberdade - O direito achado na rua Introdução Crítica ao Direito à Informação e à Comunicação**. FAC Livros, 2016, p.88-96.

FONSECA, Francisco. **“A que(m) serve o sistema político brasileiro?”** In: Le Monde Diplomatique Brasil. São Paulo, out 2014, p. 10-11.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014, p. 4-15.

GAUTHIER, Guy. **O documentário: um outro cinema**. E. Araújo Ribeiro, Trad. Campinas: Papyrus, 2011.

GUZMÁN, Patricio. **Filmar o que não se vê—um modo de fazer documentários**. São Paulo: Edições Sesc/SP, 2017.

JÚNIOR, José Coutinho. **O medo nos une**. Contraponto. Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo., n. 69, 2011.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Zahar, 2008.

MAIA, Junot de Oliveira et al. **O twitter de renê Silva e a ocupação da tecnologia: o morro (do alemão) tem vez**. Trabalhos em Linguística Aplicada, 2012.

MCCOMBS, M. **A Teoria da Agenda. A mídia e a opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. **The agenda-setting function of mass media**. Public Opinion Quarterly, v. 36, n. 2, p. 176-182, summer 1972.

MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela**. Editora Gente Liv e Edit Ltd, 2016.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Mídia, representação e democracia**. Editora Hucitec, 2010, p.8-12.

NASCIMENTO, Maurício Lavarda; ROSA, Rosane. **Cidadania comunicativa na era digital: o caso do jornal “Voz das Comunidades”**. - Universidade de Santa Maria, Primeiro congresso de Direito e Contemporaneidade, 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papirus Editora, 2005.

PERUZZO, Cicilia. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.

RAMOS, Fernão; TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (Org). **Cinema Verdade no Brasil - Documentário no Brasil: tradição e transformação**. Summus Editorial, 2004, p. 81-96.

RAMOS, Fernão. **Mas afinal--o que é mesmo documentário?**. Senac, 2008.

ROCHA, Simone Maria. **Debate público e identidades coletivas: a representação de moradores de favela na produção cultural da televisão brasileira**. Intexto, n. 14, p. 30-51, 2006.

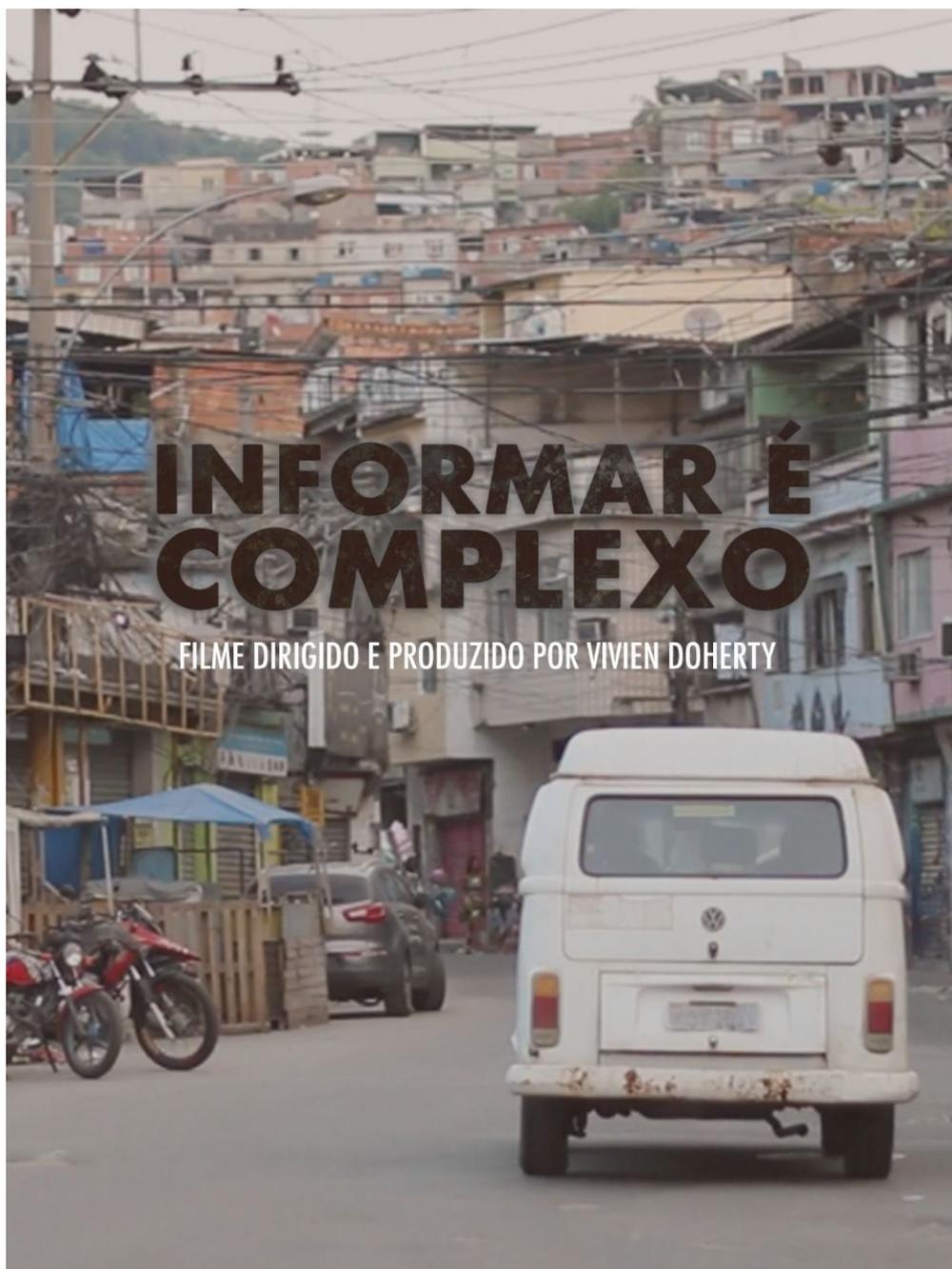
SIBILIA, Paula. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VIDAL, Delcia Maria de Mattos. **Imprensa, jornalismo e interesse público: perspectivas de renovação - a notícia cidadã**. 2009. 221 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

10. ANEXOS

10.1 CARTAZ

Figura 7 - Cartaz do filme “Informar é Complexo”



Fonte: VON BORRIES, 2019.